

## O PROJETO ORIGINAL DE GOIÂNIA É RESULTADO DE UM ESFORÇO COLETIVO

## THE ORIGINAL GOIÂNIA PROJECT IS THE RESULT OF A COLLECTIVE EFFORT

**ALEXANDRE RIBEIRO GONÇALVES**

Universidade Estadual de Goiás e da Universidade Evangélica de Goiás, Anápolis / GO  
alexrgon@gmail.com

**Resumo:** O texto revisa o papel tradicionalmente atribuído pela historiografia a Armando de Godoy no projeto original de Goiânia, especialmente no que diz respeito ao desenho do Setor Sul, considerado, por esta mesma historiografia urbana, um exemplo representativo do conceito de “bairro-jardim”, nos primórdios do urbanismo moderno no Brasil. Também propõe uma revisão crítica dessa autoria, sugerindo que o projeto da nova capital foi resultado de um esforço coletivo, no qual se destaca a figura de Atílio Corrêa Lima, responsável pelos primeiros desenhos e pela concepção geral dos setores Central e Norte. Além disso, evidencia-se a participação decisiva dos técnicos da Construtora Coimbra Bueno e da Superintendência Geral das Obras, com Armando de Godoy atuando como consultor técnico, e não como autor principal, como apontado tradicionalmente. A análise é baseada em uma nova leitura da documentação oficial e na investigação de outras fontes, sobretudo os documentos do *Acervo Ewald Janssen*, do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás. Esses registros permitem reavaliar o processo de planejamento urbano de Goiânia e reconhecer a contribuição de múltiplos atores na concepção e execução do projeto. Conclui-se que o *Plano de Urbanização de Goiânia*, aprovado pelo Decreto-Lei 90-A de 1938, reflete uma nova perspectiva sobre a formação do espaço urbano de Goiânia ao longo da década de 1930, reconhecendo-o como resultado de uma construção coletiva e não como obra autoral. Nesse sentido, Goiânia não foi apenas um símbolo de modernização periférica, mas também um exemplo da complexidade dos projetos urbanos do período.

**Palavras-chave:** Goiânia; História Urbana; Urbanismo moderno; Autoria coletiva.

**Abstract:** The text reviews the role traditionally attributed by historiography to Armando de Godoy in the original Goiânia project, especially with regard to the design of the South Sector, considered by this same urban historiography to be a representative example of the “neighborhood garden” concept in the early days of modern urbanism in Brazil. It also proposes a critical reassessment of this authorship, suggesting that the design of the new capital was the result of a collective effort, in which the figure of Atílio Corrêa Lima stands out, responsible for the first drawings and the general conception of the Central and North sectors. In addition, the decisive participation of technicians from Construtora Coimbra Bueno and the Superintendência Geral das Obras is highlighted, with Armando de Godoy acting as a technical consultant, not as the main author, as traditionally pointed out. The analysis is based on a new reading of the official documentation and the investigation of other sources, especially the documents in the *Ewald Janssen Collection* at the Anthropological Museum of the Federal University of Goiás. These records allow for a re-evaluation of Goiânia's urban planning process and recognize the contribution of multiple actors in the conception and execution of the project. It is concluded that the *Goiânia Urbanization Plan*, approved by Decree-Law 90-A of 1938, reflects a new perspective on the formation of Goiânia's urban space throughout the 1930s, recognizing it as the result of a collective construction and not as an authorial work. In this sense, Goiânia was not only a symbol of peripheral modernization, but also an example of the complexity of urban projects of that period.

**Keywords:** Goiânia; Urban History; Modern urbanism; Collective authorship.

### Introdução

Goiânia desperta o interesse de pesquisadores, arquitetos, historiadores, geógrafos e sociólogos, interessados em estudar um fenômeno singular na história do urbanismo brasileiro: a cidade planejada. Considerada a primeira materialização dos ideais de ocupação do sertão

**Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 135-154, dez. 2024 (edição extra). ISSN 1981 4089** brasileiro no início do século XX, Goiânia simboliza um exemplo marcante de um momento histórico em que uma nova ordem buscava se estabelecer, tanto em nível local quanto nacional. Esse fenômeno é característico de um país continental que pretendia consolidar seu território. É de significativa importância que Goiânia, juntamente com outras cidades planejadas<sup>1</sup>, represente a construção desta saga de modernização, simbolizando a utopia<sup>2</sup> brasileira de mudança e transformação de uma sociedade baseada em uma estrutura agrária para outra vinculada a processos de industrialização e urbanização. Nesse sentido, Goiânia pode ser considerada uma cidade de fronteira, por incorporar tanto propostas de adesão à modernidade quanto as condições de sua própria implantação.

Grande parte da bibliografia especializada que aborda a construção de Goiânia e seu projeto original atribui sua autoria a dois personagens que nela atuaram em momentos distintos: Atílio Corrêa Lima<sup>3</sup> e Armando Augusto de Godoy<sup>4</sup>. Atílio foi responsável pelos primeiros desenhos da cidade, contratado pelo Governador Pedro Ludovico Teixeira, em 1933, que posteriormente se materializaram na implantação dos setores Central e Norte. No entanto, o

---

<sup>1</sup> Fruto das demandas da modernidade, o surgimento de novas cidades, cidades planejadas, assume condições peculiares no Brasil. Goiânia é uma das cinco capitais planejadas em pouco mais de um século: Teresina, em 1852; Belo Horizonte, em 1897; Goiânia, em 1933; Brasília, em 1960; e Palmas, em 1989.

<sup>2</sup> Lembremos o que coloca Nasr Fayad Chaul: “Nesse emaranhado de ideias e ideais, de construção de utopias e edificação de cidades, projetando a vida e a visão de mundo dos homens, podemos ter uma noção desse imenso painel, no qual se situa a construção de capitais em vários centros do mundo, inclusive em vários estados brasileiros. Goiânia surgiu em decorrência de um longo processo histórico, integrador de memória e utopia, de um povo e de um lugar” (CHAUL, 1997, p. 198).

<sup>3</sup> Atílio Corrêa Lima nasceu em Roma, em 8 de abril de 1901, durante a estadia de seus pais naquela cidade. Formou-se engenheiro-arquiteto pela Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, em 1925. No ano seguinte, venceu um concurso promovido pela mesma instituição, recebendo como prêmio uma viagem a Paris, onde cursou urbanismo no *L'Institut d'Urbanisme de L'Université de Paris* até 1930, obtendo o título de “Diplomado em Estudos Especiais de Urbanismo”. Nesse curso, Corrêa Lima entrou em contato com as principais correntes do pensamento urbanístico, o que foi de grande importância para que pudesse projetar Goiânia entre 1933 e 1935. Entre seus trabalhos mais relevantes estão o plano de remodelação para Niterói (1932) e um plano para Recife (1936). Em 1941, projetou a cidade de Volta Redonda, para a Companhia Siderúrgica Nacional, e, em 1943, estava concluindo um parecer técnico para a futura *Cidade Operária da Fábrica Nacional de Motores*, quando morreu em desastre aéreo. Entre seus projetos mais notáveis, destaca-se sua participação nos concursos para o Aeroporto Santos Dumont e para a Estação de Hidroaviões (1937) e o Conjunto Habitacional da Várzea do Carmo (1942). Goiânia foi sua obra mais importante (ACKEL, 1996).

<sup>4</sup> O engenheiro civil Armando Augusto de Godoy foi um dos principais propagadores do urbanismo no Rio de Janeiro nas décadas de 1920 e 1930. Sua produção intelectual nos jornais da época foi das mais intensas. Formou-se pela Escola Politécnica do Rio em 1904 e colaborou na elaboração do primeiro código de obras da cidade, em 1925, que acabou não sendo implementado. Foi um dos mais ardorosos incentivadores da contratação do urbanista francês Alfred Agache em 1927, e um dos principais defensores do Plano Agache, entregue em 1930. Ocupou o cargo de Engenheiro Chefe da Seção Técnica da Prefeitura do Distrito Federal e presidiu a Comissão do Plano da Cidade do Rio em 1931, cujo objetivo era avaliar o Plano Agache. Em 1943, publicou a obra *A urbs e seus problemas*, uma coletânea de artigos que escreveu na imprensa, especialmente no *Correio da Manhã*, desde 1925 (PECHMAN, 1996; MANSO, 2001).

**Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 135-154, dez. 2024 (edição extra). ISSN 1981 4089** arquiteto não permaneceu por muito tempo à frente dos projetos e da construção da nova capital, afastando-se em 1935. Em 1936, a convite da Construtora Coimbra Bueno, Armando de Godoy foi convidado para revisar os projetos apresentados por Attílio ao governo do estado.

Segundo essa mesma bibliografia, Armando de Godoy teria sido o responsável pelas modificações introduzidas no projeto de Attílio, que culminaram na aprovação do *Plano de Urbanização de Goiânia*, em 1938, pelo Decreto-lei municipal 90-A. Esse plano é considerado o projeto original da cidade, consubstanciado pelas contribuições de Attílio, nos setores Central e Norte, e pelas de Armando de Godoy, especialmente nas modificações do Setor Sul.

Essas conclusões baseiam-se principalmente na documentação oficial publicada por MONTEIRO (1938), ALVARES (1942) e pelo IBGE (1942).<sup>5</sup> Embora essas obras sejam de grande valor, reunindo um conjunto expressivo de documentos – especialmente relatórios, ofícios, contratos, escrituras, depoimentos, artigos, fotos e plantas – que muito têm contribuído para o entendimento da formação da cidade, elas não esgotam a compreensão sobre a autoria do projeto.

Este texto propõe uma reavaliação da importância atribuída a Armando de Godoy no desenvolvimento do projeto original e na construção do espaço urbano de Goiânia. A partir de uma nova leitura dos documentos oficiais e da análise de outras fontes, sugere-se que a autoria do projeto foi o resultado de um esforço coletivo, no qual se destaca a figura de Attílio Corrêa Lima, entre 1933 e 1935, e, num segundo momento, entre 1936 e 1938, a atuação de diversos técnicos, engenheiros e arquitetos da Construtora Coimbra Bueno e da Superintendência Geral das Obras de Goiânia. Nesse contexto, Armando de Godoy foi um consultor técnico e não o autor principal do projeto, como tradicionalmente se afirma, ao lado de Attílio.

## **Discussões teóricas e instrumentalização**

### **Goiânia vista sob a ótica da História Urbana**

O entendimento da cidade como um espaço dinâmico e complexo, que abriga uma estrutura social permeada por contradições e conflitos, e que, por esse motivo, sofre constantes

---

<sup>5</sup> Ofélia Sócrates Monteiro, esposa do Diretor Geral da Segurança Pública, João Monteiro, e Geraldo Teixeira Alvares, irmão do Governador Pedro Ludovico e amigo pessoal dos irmãos Coimbra Bueno, foram protagonistas da história que escreveram, comprometidos com as circunstâncias do seu próprio tempo. A coletânea publicada pelo IBGE, em 1942, foi “uma contribuição ao Batismo Cultural de Goiânia”.

**Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 135-154, dez. 2024 (edição extra). ISSN 1981 4089** modificações, é ponto fundamental para a compreensão da construção do espaço urbano de Goiânia em um determinado momento histórico. Nesse sentido, é possível abordar a cidade pela ótica da História Urbana, entendendo-a como um espaço de convergência entre várias ciências que estudam a cidade em diferentes escalas e temporalidades. Esse campo interdisciplinar permite o diálogo entre diversas áreas do conhecimento, ampliando ainda mais a complexidade do pensamento contemporâneo sobre o estudo das cidades.

A História Urbana se coloca como uma perspectiva essencial para os Estudos Urbanos, oferecendo possibilidades de compreensão, análise e conceituação da cidade. Esse campo comporta uma multiplicidade de novas experiências sobre o espaço urbano, revelando a dificuldade de conceituar, entender e abarcar completamente a cidade, sabendo que ela é maior que a própria ciência que a estuda.

LEPETIT (2001) oferece uma abordagem teórica relevante ao nos desafiar a ver a cidade como uma rede de relações e confrontações, em que múltiplas escalas e temporalidades coexistem. Ele enfatiza a importância do encontro e do diálogo entre diversas áreas do conhecimento, como a arquitetura, a geografia e as ciências sociais aplicadas. Seu rigor metodológico coloca a cidade no centro da análise e permite uma leitura crítica do passado com base em questões contemporâneas. Assim, podemos pensar a cidade a partir de estruturas constituídas por uma síntese entre o tradicional e o inovador, que devem ser estudadas por meio de uma reinterpretação contínua do passado e de sua forma material, a partir de leituras multidisciplinares.

Além disso, Bernard Lepetit procura reconstruir a História Urbana, destacando a importância de se compreender os atores sociais envolvidos na produção do espaço, levando em consideração as experiências culturais e individuais. Desse modo, a reconstrução da História Urbana é um processo constante, alimentado por novas abordagens e interpretações.

Na mesma perspectiva, BRESCIANI (1999) chama a atenção para os processos permanentes de construção da cidade, ou melhor dizendo, os processos permanentes de sua construção, reconstrução e acumulação em moto-contínuo. Maria Stella Bresciani enfatiza que, talvez, esta seja uma das marcas da modernidade nas cidades planejadas da América Latina: a constante alternância, a avidez pelo novo, a tentativa de transformar utopias em realidade, o rápido envelhecimento do presente e a desvalorização do passado.

O Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás recebeu, em forma de doação, um conjunto de documentos que pertencia ao engenheiro-topógrafo alemão Ewald Janssen,<sup>6</sup> composto por estudos topográficos, plantas urbanísticas, cópias heliográficas, projetos originais, relatórios, cartas manuscritas e datilografadas, fotos e memoriais. A doação foi feita pela viúva de Janssen, a enfermeira alemã Lydia Mirjam Janssen, por intermédio da antropóloga Irmhild Wüst<sup>7</sup>, amiga do casal (GUIMARÃES, 2019).

Esse conjunto de documentos foi originalmente organizado em uma caixa de madeira, contendo cadernos com os cálculos topográficos dos projetos desenvolvidos por Janssen, pastas contendo cartas, fotos, plantas dobradas, postais e recortes de jornal. Entre os itens mais notáveis estão as plantas de diversos bairros de Goiânia, incluindo desenhos, plantas originais, cópias heliográficas e estudos em papel manteiga (MUSEU ANTROPOLÓGICO DA UFG, 1999). Atualmente, o acervo, que conta com aproximadamente 1.900 itens, integra a Coleção do Museu Antropológico e é denominado *Acervo Documental Ewald Janssen*.

Esse acervo lança nova luz sobre a história urbana de Goiânia e contribui de forma significativa para a argumentação deste texto, sobretudo no que diz respeito à revisão histórica do projeto original da cidade. Entre os itens mais valiosos estão plantas urbanísticas, mapas, fotos e memoriais, como as cópias heliográficas das plantas originais do Setor Sul, da década de 1930; as plantas do Setor Oeste, da década de 1940; e as plantas do Setor Aeroporto, da década de 1950. Alguns desses documentos sugerem a necessidade de uma revisão

---

<sup>6</sup>Ewald Janssen nasceu em Wilhelmshaven, Alemanha, em 1913. Foi piloto da força aérea alemã, durante a Segunda Guerra Mundial, chegando a Tenente Coronel (TRACESOFWAR, 2024). Após a guerra, formou-se em Engenharia, com especialização em topografia, em 1947, ainda na Alemanha. Com o auxílio do engenheiro alemão Werner Sonnenberg, foi convidado, em 1948, pelo governador Jeronymo Coimbra Bueno a mudar-se para Goiás, chegando por volta de 1949 (CORDEIRO e FERREIRA, 2017). Em 1951, quando Pedro Ludovico retorna ao governo do Estado, Janssen passa a integrar o quadro técnico do Departamento de Viação e Obras Públicas (DVOP). Em sua atuação profissional, Janssen trabalhou na implantação e modificação do traçado do Setor Sul, elaborou projetos de urbanização e implantou vários bairros na cidade, como, por exemplo, o Setor Aeroporto (1951), o Setor Pedro Ludovico e o Jardim Europa (1957). Fez relatórios e estudos minuciosos para a elaboração de um Plano Diretor para a cidade na década de 1950 e, no início dos anos 1970, escreveu um extenso parecer sobre o PDIG (Plano Diretor Integrado de Goiânia), elaborado por Jorge Wilhelm no final da década anterior. Trabalhou ainda em projetos e na implantação de bairros em diversas cidades do interior de Goiás.

<sup>7</sup>Irmhild Wüst nasceu na Alemanha e mudou-se para o Brasil na década de 1960. Foi professora e pesquisadora da UFG, trabalhando no curso de Ciências Sociais, na área de Arqueologia, e atuou como arqueóloga no Museu Antropológico (Museu Antropológico da UFG, 2024).

**Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 135-154, dez. 2024 (edição extra). ISSN 1981 4089**  
historiográfica que poderá resultar na reescrita ou complementação de aspectos da história da cidade.

## **O plano de urbanização de 1938**

O Plano de Urbanização de Goiânia, aprovado pelo Decreto 90-A em 1938, pode ser considerado o primeiro plano diretor da cidade. Sua materialização começou no início de 1933, quando o engenheiro Armando de Godoy foi convidado a vir a Campinas<sup>8</sup> para elaborar num parecer técnico sobre a escolha do local para a construção da nova capital. Em seu relatório, Godoy demonstrou a necessidade da transferência da capital e apresentou a viabilidade econômica do empreendimento. Além disso, traçou diretrizes que deveriam nortear o plano urbanístico da cidade e referendou o parecer da comissão designada por Pedro Ludovico para a escolha do local, enviando o relatório ao Governador em abril de 1933.

Inicialmente, Pedro Ludovico convidou Armando de Godoy para a elaboração do plano de Goiânia, mas, devido às inúmeras atividades que o engenheiro desempenhava na prefeitura do Rio de Janeiro, o convite foi recusado.<sup>9</sup> Assim, Atílio Corrêa Lima, então, foi convidado para a tarefa, principalmente devido ao seu destacado currículo. Na época, Atílio era o único profissional brasileiro com pós-graduação em Urbanismo. Além disso, era professor de Urbanismo na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) e havia trabalhado com Alfred Agache em seu Plano para o Rio de Janeiro. Sua experiência profissional atendia às preocupações do Governador Pedro Ludovico em associar o projeto da nova capital a um urbanista renomado, capaz de conferir o caráter de modernidade almejado.

O Decreto 3.547, de 6 de julho de 1933, estabeleceu as diretrizes para a elaboração do projeto urbanístico. Atílio deveria detalhar um núcleo central para 15.000 habitantes, prevendo uma expansão futura para 50.000 habitantes.

Em julho de 1934, Oscar Campos Júnior foi nomeado diretor da Superintendência Geral de Obras permanecendo no cargo até novembro, quando foi eleito deputado à Constituinte. Foi

---

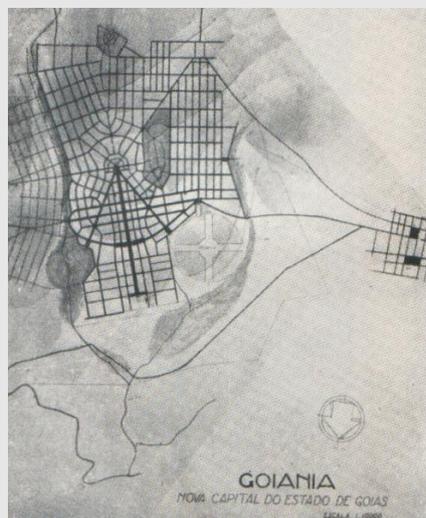
<sup>8</sup> Em 1932, o Governador Pedro Ludovico Teixeira instituiu uma comissão para escolher o local da futura capital. A comissão optou pelo município de Campinas, conforme o Decreto 2.737, de 20 de dezembro, devido às condições consideradas mais favoráveis: clima ameno, topografia adequada, água de boa qualidade e proximidade com a região economicamente mais próspera do estado, favorecendo os grupos econômicos que apoiavam o Governador.

<sup>9</sup> Essa afirmação baseia-se em um trecho da palestra “*As grandes perspectivas e problemas do Estado de Goyás*”, proferida por Godoy no Rio de Janeiro, a convite do senador goiano Nero Macedo (ACKEL, 1996).

**Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 135-154, dez. 2024 (edição extra). ISSN 1981 4089** nesse momento que os irmãos Coimbra Bueno iniciaram sua participação na construção da cidade. Substituíram Campos Júnior na direção da Superintendência Geral de Obras, ao mesmo tempo em que a Construtora Coimbra Bueno<sup>10</sup> assinava um contrato assumindo a responsabilidade pela administração das obras do Estado<sup>11</sup>, em 4 de dezembro de 1934 (MONTEIRO, 1938). Dessa forma, acumularam o duplo papel de contratados e contratantes. Esse fato demonstra muito bem que a construção da nova capital em pleno sertão permeou uma lógica própria, em que incoerência e interesses particulares se mesclavam a uma imagem de altruísmo e dever cívico.

No início de 1935, Atílio Corrêa Lima retornou ao Rio de Janeiro. As divergências com a Construtora Coimbra Bueno, o descontentamento de Pedro Ludovico com o atraso e morosidade nas obras, as pressões da própria família do arquiteto e a falta de pagamento levaram Atílio a rescindir os contratos firmados com o Estado em abril de 1935. Antes disso, em janeiro, o arquiteto entregou um extenso relatório que nada mais era do que o seu Plano Diretor para Goiânia, acompanhado de uma planta geral da cidade, além de outras contendo o detalhamento do Setor Central (ACKEL, 1996) (**figura 1**).

**Figura 1** – plano de Atílio Corrêa Lima (1933-1935).



Fonte: ALVARES, 1942.

<sup>10</sup> No início, a firma chamava-se Coimbra Bueno & Pena Chaves Ltda. Com a saída do sócio Pena Chaves, os irmãos Jerônimo Coimbra Bueno e Abelardo Coimbra Bueno permaneceram como os únicos sócios, e a construtora passou a se chamar Coimbra Bueno & Cia. Ltda. Formados em Engenharia Civil pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1933, os irmãos Coimbra Bueno eram primos de Pedro Ludovico Teixeira e naturais de Rio Verde, mesma cidade do Governador. As duas famílias mantinham um relacionamento político e econômico próximo. (MANSO, 2001).

<sup>11</sup> O contrato estipulava que os serviços técnicos seriam executados no escritório da empresa no Rio de Janeiro, com a presença de um engenheiro em Goiânia para supervisionar e se responsabilizar pelas obras na cidade.

Em 1936, o engenheiro Armando de Godoy foi contratado como consultor técnico da Construtora Coimbra Bueno para dar continuidade à urbanização da cidade. Sua contratação atendeu a múltiplos interesses. Primeiramente, agradou a Pedro Ludovico, que já o conhecia desde 1933. Com o afastamento de Atílio da direção dos projetos da cidade, era necessário substituí-lo por um profissional que estivesse à sua altura, considerando que a imagem em construção de “cidade planejada” era fundamental para promover a nova capital nos maiores centros urbanos, convencer os mais céticos quanto à viabilidade de sua transferência e sustentar o discurso de modernidade que permeava o projeto.

Por outro lado, a contratação de Godoy também atendia aos interesses da Construtora Coimbra Bueno. Ao associar seu nome ao plano de Goiânia, a construtora automaticamente vinculava-se à sua reputação, beneficiando-se diretamente por contar em seu quadro técnico com um profissional tão eminente. Além disso, desejavam não apenas inserir o nome da construtora na história da construção da cidade, mas também ampliar sua atuação em nível nacional. O discurso do *Correio Oficial* de 3 de maio de 1936 ilustra bem esse caráter de ufanismo e pragmatismo:

[...] o dr. Godoi se entregou ao penoso trabalho de dotar Goiânia das soluções mais racionais que a técnica moderna permite; percorreu recentemente os Estados Unidos em viagem de estudos urbanísticos e mantém-se (o dr. Godoi) em contato permanente com os principais centros americanos [...].

[...] Na zona sul é que surgirá a mais moderna solução urbanística no momento atual. – Será aqui realizada, pela segunda vez no mundo, a solução técnica para cidades modernas e que foi pela primeira vez realizada há poucos anos em Redburn, cidade século XX, como é denominada nos Estados Unidos. (CORREIO OFICIAL, 1936)

No entanto, uma análise mais cuidadosa demonstra que o papel de Armando de Godoy no desenvolvimento do *Plano de Urbanização de Goiânia* foi predominantemente teórico e consultivo. Ao longo da década de 1930, Godoy se destacou como um dos urbanistas mais influentes do Brasil, especialmente na militância e na divulgação de ideias urbanísticas. Escreveu artigos para os principais jornais do país, que mais tarde foram organizados no livro *A urbs e seus problemas*, publicado em 1943. Além disso, ministrou inúmeras conferências sobre os problemas urbanos e atuou intensamente no Rio de Janeiro como técnico da prefeitura municipal. Apesar de sua vasta experiência e prestígio, Godoy não pôde dedicar-se integralmente ao projeto de Goiânia, pois não dispunha do tempo necessário para se dedicar ao

**Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 135-154, dez. 2024 (edição extra). ISSN 1981 4089**  
desenvolvimento de outras atividades, muito menos para conduzir o plano de uma nova capital nas condições e circunstâncias em que estava sendo construída.

Os próprios irmãos Coimbra Bueno, em um relatório apresentado ao Diretor Geral da Fazenda em março de 1937, chamaram a atenção para essa limitação:

Está havendo certa morosidade, que desejamos explicar, mostrando ser o melhor que podemos fazer: - tal como se deu com o Dr. Correia Lima, o Dr. Armando Godoy, apesar de sua manifesta bôa vontade, não pode dedicar, senão uma atenção secundária aos estudos de Goiânia, entre seus diversos afazeres. (ALVARES, 1942, p. 24)

Portanto, a principal contribuição de Godoy ao projeto original da cidade foi no campo das ideias.<sup>12</sup> Ao que tudo indica, ele percebeu em Goiânia uma oportunidade de colocar em prática as suas teorias e experiências acumuladas ao longo dos anos, mas, devido à falta de tempo e condições, sua participação foi limitada. De certa forma, Godoy emprestou seu nome ao projeto, conferindo-lhe prestígio e visibilidade. Prova disso é que o único documento que pode ser considerado como o memorial descritivo do *Plano de Urbanização de Goiânia*, aprovado pelo Decreto-Lei 90-A, é o relatório de março de 1937, apresentado pelo Superintendente Geral das Obras de Goiânia, Jerônimo Coimbra Bueno, ao Diretor Geral da Fazenda (ALVARES, 1942).

Esse relatório, contudo, não esclarece quais foram as reais contribuições de Godoy na elaboração do plano da cidade. É provável que o urbanista tenha sido responsável pela alteração do dimensionamento da zona comercial do Setor Central, que, segundo Jerônimo Coimbra Bueno estava superdimensionada,<sup>13</sup> além de uma pequena modificação na zona industrial do Setor Norte. No entanto, sem dúvida, sua maior contribuição<sup>14</sup> ao projeto foi no campo das ideias para o projeto do Setor Sul.

---

<sup>12</sup> Neste sentido, o trabalho de Maria Eliana Jubé Ribeiro talvez seja um dos primeiros a sinalizar na direção que estamos analisando. Segundo a autora: “Deve-se ter sempre em mente, contudo, que, como Godói era apenas consultor, atuando no escritório dos construtores no Rio de Janeiro, ele dava as diretrizes, as linhas mestras, os exemplos, e a firma Coimbra Bueno se muniava do material e dos profissionais e executava os projetos” (RIBEIRO, 2000, p. 77). Nessa perspectiva, o *Correio Oficial*, de 26 de abril de 1936, indicava a responsabilidade de Godoy como “consultor técnico” da seção de urbanização.

<sup>13</sup> Segundo a “*Representação enviada ao Sr. Interventor*”, em março de 1935, redigida pelos irmãos Coimbra Bueno, o eminente urbanista paulistano Anhaia Mello, também teria emitido um parecer sobre o tamanho da zona comercial do Setor Central do projeto de Atílio, classificando-o de “absurdo” (ALVARES, 1942).

<sup>14</sup> Segundo Ackel, em sua palestra “*As grandes perspectivas e problemas do Estado de Goiás*”, afirmou que sua maior contribuição se deu na “parte sul, que compreende quase a metade da área de Goiás” (ACKEL, 1996, p. 100-101).

A historiografia tradicionalmente atribui a autoria do projeto do Setor Sul a Armando de Godoy. No entanto, ao revisar registros e depoimentos da época, é possível afirmar que o engenheiro agrônomo alemão Werner Sonnenberg<sup>15</sup> foi o responsável pela elaboração do desenho do Setor Sul, enquanto Godoy atuou como consultor técnico. Em uma entrevista realizada na década de 1980, os irmãos Coimbra Bueno comentaram sobre o papel do urbanista carioca no projeto:

Já estávamos estudando a ampliação do Setor Sul. Então nós procuramos o Dr. Armando de Godoy, um dos engenheiros urbanistas da Prefeitura do Rio de Janeiro. O Armando de Godoy deu as diretrizes calçadas nas cidades americanas. Então nós, lá no Rio, começamos a projetar de acordo com os levantamentos. Praticamente o Armando não chegou a riscar nada. Ele nos deu uma revista americana. [...] Depois nós mandamos buscar uma porção de livros de urbanismo nos Estados Unidos. Armando não fez esboço nenhum. (CORDEIRO e QUEIROZ, 1990, p. 28)

O relatório de março de 1937, elaborado pelos irmãos Coimbra Bueno, também faz referência ao papel de Werner Sonnenberg no projeto do Setor Sul:

A *Zona Sul*, graças à orientação do Dr. Godoy, teve o projeto feito nos moldes do subúrbio de “Redburn”, que os milionários americanos construíram nas vizinhanças de New York, essencialmente para residências. Assim, projetamos, com o auxílio do Dr. Werner Sonenberg, este Setor, e pretendemos projetar o “Setor Oeste”. (ALVARES, 1942, p. 32) (**figura 2**)

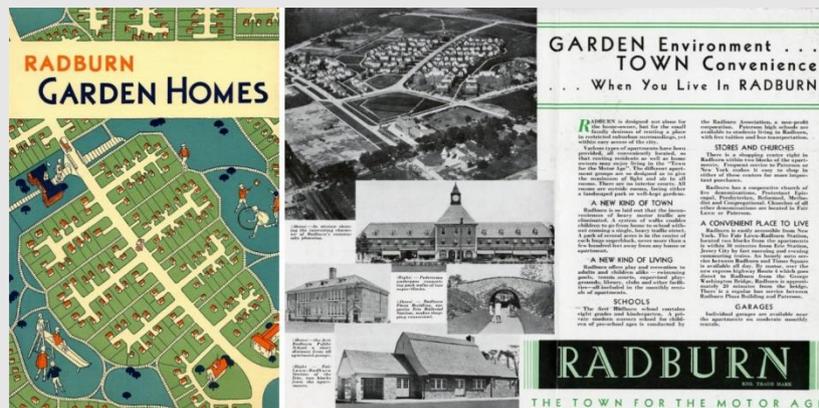
As cópias heliográficas dos projetos originais do Setor Sul, datadas de 1936 e 1937, guardadas no *Acervo Documental Ewald Janssen*, trazem o carimbo da Construtora Coimbra Bueno e a assinatura de Werner Sonnenberg, indicando que ele foi o responsável pelo

---

<sup>15</sup> É importante reconhecer a contribuição do engenheiro agrônomo alemão Werner Sonnenberg no projeto do Setor Sul. Poucas informações estão disponíveis sobre ele. Em 1930, já se encontrava no Rio de Janeiro. O jornal *Diário da Manhã*, de 18 de dezembro de 1935, noticiava que Werner havia obtido a carteira profissional junto ao CREA. Na capital federal, Sonnenberg trabalhou como engenheiro sanitário no Serviço Federal de Saneamento e Colonização de São Bento e na Companhia Industrial Odeon. Seu nome aparece de forma discreta no relatório de 1937, e, no relatório de 1936, ele é mencionado como um dos profissionais que atuavam no escritório da Construtora Coimbra Bueno no Rio de Janeiro, sob a supervisão de Armando de Godoy. O jornal *Correio da Manhã* (RJ), de 22 de março de 1936, destacou que Sonnenberg era membro do Conselho Diretor da recém-fundada *Sociedade Brasileira de Estudos Photogrametricos*. Ele se mudou para Goiânia em 1937, e o *Correio Oficial* noticiou sua chegada em 3 de agosto do mesmo ano. Ao fixar residência na cidade, Sonnenberg concluiu o desenho das plantas finais do Setor Sul, cuja maior parte havia sido iniciada por ele no Rio de Janeiro. Posteriormente, trabalhou no Escritório Técnico da Superintendência de Obras, na seção de urbanização, onde foi responsável pelos projetos de água e esgoto. Nos anos seguintes, atuou ativamente em projetos de urbanismo para a iniciativa privada (ALVARES, 1942).

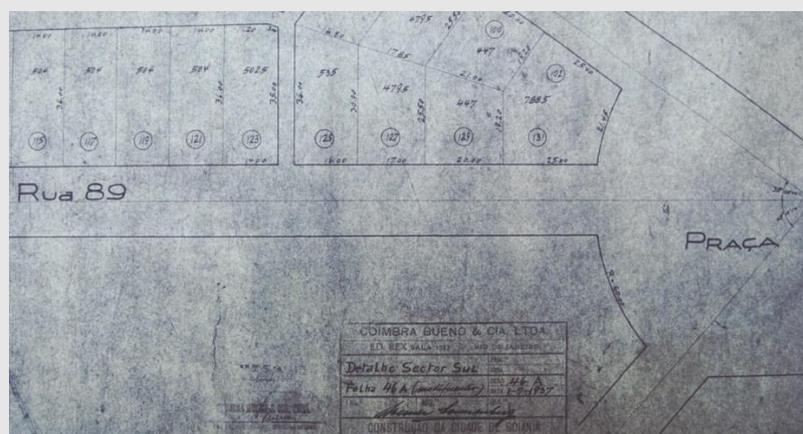
Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 135-154, dez. 2024 (edição extra). ISSN 1981 4089 desenvolvimento do projeto. Vale destacar que a assinatura de Armando de Godoy não aparece nessas cópias (figura 3).

Figura 2 – panfletos divulgando Radburn, Nova Jersey, projetado por Clarence Stein e Henry Wright (1928)



Fonte: Cento de Arquivos Rockefeller. Registros da *Russel Sage Foundation*. Caixa 37. RAC.

Figura 3 – planta da Rua 89, Setor Sul, assinadas por Sonnenberg e Jerônimo Bueno (1937).



Fonte: GONÇALVES A. R.

Portanto, o Setor Sul também pode ser entendido como o resultado de um esforço coletivo. Godoy forneceu as diretrizes conceituais e teóricas, enquanto Werner Sonnenberg foi o responsável pelo desenvolvimento do projeto. Os irmãos Coimbra Bueno desempenharam um papel fundamental ao montar a equipe técnica e apoiar decisivamente a mudança do desenho original do Setor Sul, inicialmente projetado por Atílio, para um projeto inspirado nos bairros-jardim norte-americanos. Além disso, eles garantiram a execução e a aprovação do projeto no Decreto-Lei 90-A.

Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 135-154, dez. 2024 (edição extra). ISSN 1981 4089

Em um cartaz produzido pela Construtora Coimbra Bueno, provavelmente entre 1937 e 1938, com o objetivo de divulgar o Setor Sul, aparece, no canto inferior esquerdo, uma ficha técnica do projeto, com as seguintes informações: *Superintendente Geral: Jeronymo Coimbra Bueno – engenheiro civil; Projetista: Werner Sonnenberg – engenheiro agrônomo; Consultor Técnico: Armando de Godoy – engenheiro civil.* No canto inferior direito do mesmo cartaz, há o carimbo da Coimbra Bueno & Cia. Ltda., contendo apenas as assinaturas de Jerônimo Bueno e Werner Sonnenberg, este último assinando como engenheiro projetista (**figura 4**).

**Figura 4** – planta do Setor Sul. Cartaz produzido pela Construtora Coimbra Bueno.



Fonte: *Acervo Ewald Janssen* [s.d.]

No relatório de março de 1937, os irmãos Coimbra Bueno explicaram ao Diretor da Fazenda os principais pontos do *Plano de Urbanização de Goiânia*. O plano resumia-se basicamente em mudanças feitas nos desenhos de Atílio e no zoneamento da cidade, reduzindo a área destinada ao comércio e estabelecendo um limite de crescimento urbano, nos moldes das ideias de Howard. Além disso, foi sugerida a possibilidade de expansão da malha urbana por meio da criação de cidades-satélites. A forma de crescimento da cidade e a sequência de implantação dos bairros também foram definidas. Primeiramente, seriam ocupados os setores Central e Norte, que já estavam em processo de implantação. Após seis anos, poderia ser iniciada a ocupação do Setor Sul, seguida pela do Setor Oeste. Essa estratégia buscava concentrar a ocupação inicial, viabilizando o crescimento ao reduzir os custos de implantação e manutenção da cidade numa área muito extensa.

**Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 135-154, dez. 2024 (edição extra). ISSN 1981 4089**

Do projeto de Atílio, apenas os desenhos dos setores Central e Norte permaneceram praticamente inalterados, devido ao estágio avançado de implantação da obra (ALVARES, 1942) (**figura 5**). Quando a Construtora Coimbra Bueno assumiu a reformulação do plano do arquiteto, o Palácio e a Secretaria Geral já estavam em construção na Praça Cívica, o Grande Hotel já se erguia na Avenida Goiás e o arruamento do Setor Central estava praticamente concluído. Mesmo assim, o traçado da Praça Cívica foi alterado, particularmente na Rua 82, assumindo a conformação atual. A implantação dos edifícios dentro da praça também foi modificada. Onde o projeto de Atílio previa o Palácio da Justiça e a Prefeitura, foram construídos fontes e jardins, ampliando o espaço livre. Essas mudanças, com o tempo, se mostraram acertadas, pois a redução de edifícios na praça reforçou o caráter monumental previsto por originalmente por Atílio.

**Figura 5** – planta da Setor Central, Atílio Corrêa Lima.



Fonte: DINIZ, 2021.

Já os desenhos de Atílio para os setores Leste, Sul e Oeste foram completamente abandonados. O relatório de junho de 1936 mostra a influência dos irmãos Coimbra Bueno nas mudanças feitas no projeto original:

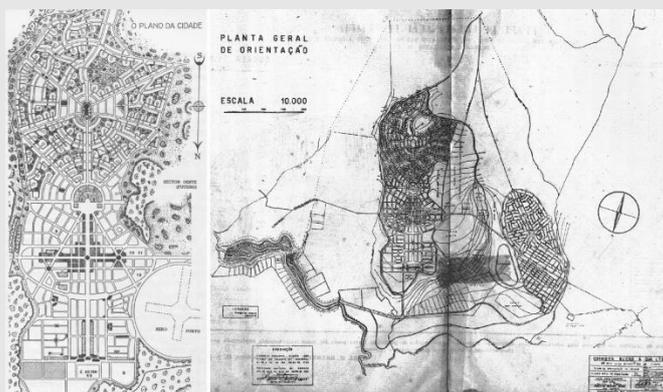
Tivemos a grata satisfação de ver vitoriosos nos pontos de vista, quando o Governo resolveu convidar o dr. Armando de Godoi para estudar detidamente o plano das novas zonas.

Esse reputado técnico brasileiro, já conhecedor do nosso meio, adotou o caminho mais fácil e prático da questão – realizar tudo de novo. (Monteiro, 1938, p. 460)

A concepção original das áreas verdes e parques urbanos também foi modificada e a ideia do Parque Paineiras foi abandonada. Novas áreas verdes foram propostas nos limites da

**Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 135-154, dez. 2024 (edição extra). ISSN 1981 4089** cidade, formando um cinturão verde que incluía equipamentos situados em pontos estratégicos, como o Jardim dos Mortos, o Hipódromo e a Vila Hípica, a Zona de Esportes, o Bosque dos Bandeirantes, o Parque Capim Puba, o Jardim Zoológico, o Aeroporto, a Zona Universitária, contígua ao Bosque dos Buritis no Setor Oeste, além da Represa do Jaó, com a Avenida-parque, o Yacht Clube e o Jardim Botânico (ALVARES, 1942) (**figura 6**).

**Figura 6** – *Plano de Urbanização de Goiânia*, aprovado pelo Decreto-Lei 90-A, de 1938.



Fonte: ALVARES, 1942.

O *Plano de Urbanização de Goiânia* foi aprovado durante a administração do prefeito Venerando de Freitas Borges, por meio do Decreto-Lei municipal 90-A, de 30 de julho de 1938. No seu artigo 1º, foram delimitadas as áreas urbanas e suburbanas da cidade. A área urbana compreendia os setores Central, Norte, Sul, Oeste e Satélite Campinas, além das áreas destinadas ao Aeroporto, Zoológico, Hipódromo e os parques Buritis, Capim Puba e Bandeirantes. O artigo 2º, aprovava as plantas de arruamento e loteamento dos setores Central, Norte, Sul e Satélite Campinas, mas sem incluir as plantas do Setor Oeste, que, embora delimitado, deveria ser projetado em 1950 por meio de concurso entre urbanistas brasileiros (ALVARES, 1942). As avenidas Oeste, Alameda dos Buritis, Alameda Botafogo e algumas ruas do Setor Sul foram concebidas como vias que circundariam a cidade. O Decreto-Lei 90-A também aprovou as plantas dos distritos de Hidrolândia, Ribeirão e São Geraldo.

## Conclusões

A história urbana de Goiânia é um capítulo fundamental na historiografia do urbanismo no Brasil, e seu projeto original materializa alguns dos mais importantes preceitos do urbanismo

**Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 135-154, dez. 2024 (edição extra). ISSN 1981 4089** moderno nas primeiras décadas do século XX. Embora a historiografia tenha destacado seus personagens mais proeminentes, é essencial reconhecer o esforço coletivo dos técnicos, topógrafos, arquitetos e engenheiros que efetivamente construíram o espaço urbano da cidade. Nesse sentido, Goiânia representa não apenas um projeto de adesão à modernidade, mas também a expressão de uma modernização periférica com características próprias.

Os projetos de Atílio Corrêa Lima, da Construtora Coimbra Bueno e da equipe técnica da Secretaria Geral de Obras sintetizam o amálgama de ideias, proposições e investigações que permeavam o pensamento urbanístico da época. Esses profissionais contribuíram para a concepção de algum tipo de modernidade, que pode ser identificada tanto no desenho urbano dos primeiros bairros quanto na arquitetura que esses planos suscitaram. Além disso, o projeto de Goiânia simboliza um dos maiores desafios da urbanização moderna: a concepção e construção de cidades planejadas. Neste sentido, os anos de 1930 representaram um verdadeiro divisor de águas, em que novas práticas começaram a ser estabelecidas, a partir da diversidade e de uma certa ambiguidade de concepções.

O estudo do *Plano de Urbanização de Goiânia*, como síntese dessas ideias, reforça a tese de que a autoria do primeiro plano da cidade é resultado de um esforço coletivo, e não apenas fruto do trabalho de personalidades individuais como Atílio Corrêa Lima e Armando de Godoy. Embora seja inegável a importância dessas personagens para o resultado final, especialmente as contribuições iniciais de Atílio, cuja visão influenciou fortemente a conformação da cidade, é fundamental reconhecer que o projeto envolveu uma vasta equipe de colaboradores, não apenas até 1938, mas também, e principalmente, na década de 1940, quando esses técnicos projetaram os setores Oeste e Leste (incluindo a Vila Nova) (GONÇALVES, 2002) (**figura 7**).

**Figura 7** – Configuração final da Praça Cívica, aprovada pelo Decreto-Lei 90-A, em 1938.



Fonte: IBGE [s.d.].

Entre esses colaboradores, destacam-se os engenheiros Armando de Godoy, Werner Sonnenberg, Gustav Vilhelm Aaderup<sup>16</sup>, Arthur Wigderowitz<sup>17</sup>, Jorge Alberto Diniz Carneiro<sup>18</sup>,

---

<sup>16</sup> Gustav Vilhelm Aaderup nasceu em 30 de agosto de 1893, em Odense, Dinamarca. Casou-se em 1918 com Thordis Gloerfelt Tarp. Formou-se em engenharia pela Universidade Politécnica da Dinamarca e, entre 1916 e 1917, trabalhou como engenheiro de minas em Ivigtut, Groenlândia. Posteriormente, atuou na Agência Norueguesa de Água, em Hvide Sande e Esbjerg, até 1921, e depois como engenheiro em Reykjavik, Islândia, até 1924 (SLAEGTSBIBLIOTEK, 2024). Mudou-se para o Brasil em 1925, onde trabalhou na construção de portos, pontes e estradas. Calculou o edifício da Escola Normal do Rio de Janeiro e participou das obras de arte da estrada Rio-Petrópolis (MONTEIRO, 1938). Aaderup começou a colaborar nos projetos de Goiânia em 1936, ainda no escritório da Construtora Coimbra Bueno no Rio de Janeiro, e mudou-se para Goiânia entre 1936 e 1937. Em 1937, ingressou na Superintendência Geral de Obras, onde atuou nas seções de topografia e urbanização, detalhando, na década de 1940, algumas quadras dos setores Central e Norte que ainda não haviam sido finalizadas (conforme documentos do *Acervo Ewald Janssen*). Também calculou o Cine Teatro Goiânia (1940) e trabalhou para a Construtora Coimbra Bueno em diversos projetos para Cuiabá, entre 1939 e 1940 (ARAÚJO, 2023).

<sup>17</sup> Arthur Wigderowitz, de origem polonesa, formou-se em engenharia pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1936. Trabalhou na Construtora Monteiro Heinsfurter & Rabinowick antes de ser contratado pela Construtora Coimbra Bueno no mesmo ano (ALVARES, 1942). O jornal *Correio Paulistano*, de 21 de abril de 1938, ao se referir à “Campanha pró-monumento aos Bandeirantes em Goyania,” revela que Wigderowitz participou de algumas conferências em São Paulo, representando o Interventor Federal e a Construtora Coimbra Bueno.

<sup>18</sup> Jorge Alberto Diniz Carneiro estudou no Colégio D. Pedro II e ingressou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1928, formando-se em Engenharia em 1932. Aprovado em um concurso para engenheiros da prefeitura do Rio de Janeiro em abril de 1936, começou como engenheiro ajudante na Secretaria Geral de Viação e Obras. O *Correio Oficial* (GO), de 26 de abril de 1936, informa que, antes de trabalhar nas obras de Goiânia, Diniz atuou na Companhia Construtora Pederneiras S/A, dirigindo a construção de diversos prédios no Rio de Janeiro, como o *Uarú*, com 6 pavimentos, o *Ouro Preto* com 12, o *Ipiranga* com 10, e um edifício na Av. Atlântica, com 8 pavimentos. (CORREIO OFICIAL, 1936). O *Jornal do Brasil* (RJ), de 6 de junho de 1936, noticiou a solicitação de Pedro Ludovico Teixeira ao prefeito do Rio de Janeiro, pela qual Diniz foi cedido ao Governo de Goiás, “[...] sem direito à percepção de qualquer remuneração pelos cofres municipais, enquanto durar a Comissão e a partir do dia 8 do corrente.” Ele começou a trabalhar na Superintendência Geral de Obras, em Goiânia, em 1936, na seção de construção, e já estava de volta às atividades da Secretaria Geral de Viação e Obras, no Rio de Janeiro, em 1938, conforme noticiado pelo *Jornal do Brasil* (RJ), de 22 de dezembro de 1938. Diniz chegou a ocupar o cargo de Secretário Geral na prefeitura do Rio de Janeiro na década de 1950 (ARQUIVO GERAL DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO, 2024).

**Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 135-154, dez. 2024 (edição extra). ISSN 1981 4089**  
Hely Borges<sup>19</sup>, e Eurico Viana<sup>20</sup>; os arquitetos Salvador Batalha<sup>21</sup>, F. Feital<sup>22</sup>, José Amaral Neddermeyer<sup>23</sup>, e Jorge Félix de Souza<sup>24</sup>, além de muitos outros técnicos que trabalharam na

<sup>19</sup> Segundo Monteiro (1938, p. 455-456): “Topógrafo, com curso de engenharia na escola de Belo Horizonte [...]”, tendo estagiado na sede da Construtora Coimbra Bueno, no Rio de Janeiro.

<sup>20</sup> Eurico Viana nasceu em Coimbra (MG), em 1894. Formou-se em engenharia em Juiz de Fora e atuou em Araxá, São Gotardo e São João del Rey. A convite de Pedro Ludovico, foi trabalhar em Rio Verde. A Portaria 157, de 4 de abril de 1934, nomeou-o para fiscalizar os serviços técnicos das obras de Goiânia. Em setembro de 1935, foi encarregado de realizar estudos sobre o fornecimento de água para a cidade. Nas décadas de 1930 e 1940, fez vários projetos residenciais e comerciais em Campinas e Goiânia. Foi o responsável pela construção do Automóvel Club (onde hoje é o Jôquei Clube), Teatro Goiânia, Lago das Rosas, relógio da Avenida Goiás e o coreto da Praça Cívica. Foi Diretor de Viação e Obras Públicas e secretário de Economia nos anos de 1940. Pelo fato de possuir bom relacionamento político com Pedro Ludovico, elegeu-se prefeito de Goiânia, ocupando o cargo entre 1947 e 1951.

<sup>21</sup> Salvador Duque Estrada Batalha, além de sua atuação como atleta do Fluminense entre 1918 e 1929, destacou-se como arquiteto formado pela Escola Nacional de Belas Artes (ENBA). Ele desempenhou um papel ativo em um dos períodos mais prolíficos da arquitetura brasileira, nos anos 1930, e foi testemunha de eventos marcantes no início da arquitetura moderna no Rio de Janeiro. Batalha foi professor da ENBA, da Universidade Livre do Brasil e da Escola Politécnica do Rio de Janeiro. O *Jornal do Brasil* (RJ), em 6 de agosto de 1931, noticiou uma “demonstração pública de solidariedade” ao diretor da ENBA, Lúcio Costa, em meio às perseguições que ele enfrentava (BRUAND, 1999). Salvador Batalha, Atílio Corrêa Lima, Eduardo Affonso Reidy e Gregori Warchavchik estavam entre os signatários do documento de apoio. Em 12 de agosto de 1931, o *Jornal do Brasil* também anunciou a eleição de Batalha e Lúcio Costa para o Conselho Deliberativo do Instituto Central de Arquitetos. Em 1932, Batalha foi eleito 2º secretário da instituição e atuou como paraninfo da turma de formatura do arquiteto Jorge Félix de Souza, que também colaboraria na construção de Goiânia.

Na década de 1930 e no início da de 1940, Batalha coordenou projetos arquitetônicos para a Companhia Construtora Pederneiras, de propriedade do engenheiro Eduardo Pederneiras. Em 1935, ele integrou o júri do concurso para o edifício do Ministério da Educação e Saúde, promovido pelo ministro Gustavo Capanema, conforme relatado pelo *Jornal do Brasil* em 18 de junho de 1935. No ano seguinte, Batalha participou do júri do concurso promovido pela Associação Brasileira de Imprensa (ABI) para a construção de sua sede social, juntamente com Eduardo Affonso Reidy, conforme noticiado pelo *Jornal do Brasil* em 7 de março de 1936. Esse concurso foi vencido pelos irmãos MM Roberto.

Salvador Batalha trabalhou nos projetos de Goiânia a partir do Rio de Janeiro. Em entrevista ao *Jornal do Brasil* em 7 de janeiro de 1937, Abelardo Coimbra Bueno afirmou que “a parte de arquitetura tem sido confiada ao professor Salvador Batalha, arquiteto de renome em nossos meios técnicos, que projetou todos os prédios que estamos construindo, inclusive o Ginásio do Estado, com capacidade para 500 alunos, e os prédios para a instalação das repartições federais no Estado, como o Edifício do Fórum, piscina pública, etc.” Além disso, Batalha também trabalhou em diversos projetos da Construtora Coimbra Bueno para Cuiabá entre 1939 e 1940 (ARAÚJO, 2023).

<sup>22</sup> O arquiteto F. Feital atuou no Rio de Janeiro, na Construtora Coimbra Bueno. Formou-se na Escola Nacional de Belas Artes e, anteriormente, havia prestado serviços à Cia. Construtora Pederneiras (ALVARES, 1942). Assim como Gustav Aaderup e Salvador Batalha, esteve envolvido em diversos projetos da Construtora Coimbra Bueno para Cuiabá entre 1939 e 1940 (ARAÚJO, 2023).

<sup>23</sup> O arquiteto José Amaral Neddermeyer nasceu em 1894, em São Paulo. Formou-se em 1918 no curso de Arquitetura da Escola de Engenharia do Mackenzie e também estudou Escultura no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. O jornal *O Paiz* (RJ), de 29 de maio de 1930, noticiou sua participação na comissão da Exposição de Arquitetura do *IV Congresso Pan-Americano de Architectos*, realizado no mesmo ano no Rio de Janeiro, ao lado de Archimedes Memória e Cristiano Stokler das Neves. O jornal *A Gazeta* (SP), de 20 de julho de 1933, noticiou que Neddermeyer, juntamente com o engenheiro José Chiapori, venceu o concurso de anteprojetos para uma Colônia de Férias em São Paulo. Neddermeyer chegou a Goiânia no início de 1936, conforme noticiado pelo *Correio Oficial* nos dias 8 e 12 de abril. Ele veio para a cidade como responsável pelas obras da Construtora Lar Nacional. Um ano depois, já trabalhava na Seção de Arquitetura da Superintendência Geral de Obras. O Decreto-Lei 1.132, de 4 de outubro de 1938, nomeou-o Chefe de Arquitetura da mencionada seção, cargo que ele já ocupava desde 1937. Entre 1940 e 1942, projetou o Setor Oeste juntamente com o arquiteto Jorge Félix (conforme cópias heliográficas do projeto, que fazem parte do *Acervo Ewald Janssen*). Também projetou diversos edifícios, como o Asilo São Vicente de Paulo (1936), a Cúria Metropolitana (1936), a penitenciária na antiga Rua 67, atual Avenida

**Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 135-154, dez. 2024 (edição extra). ISSN 1981 4089** sede da Construtora Coimbra Bueno, no Rio de Janeiro, e na Secretaria Geral de Obras, em Goiânia. Suas contribuições foram cruciais para o resultado final do plano aprovado pelo Decreto 90-A e, posteriormente, para a ampliação feita na Planta Geral de Urbanização de Goiânia, em 1947.

A importância deste estudo reside em oferecer uma nova perspectiva sobre a formação urbana na gênese da cidade ao longo da década de 1930. Ao reconhecer que o projeto original de Goiânia foi o resultado da contribuição de diversos profissionais e atores envolvidos em sua concepção e execução, este trabalho contribui para uma compreensão mais abrangente dos processos de urbanização no Brasil, reforçando a relevância de se considerar múltiplos atores e suas interações, tanto na análise histórica do planejamento urbano quanto na construção de uma História Urbana. Além disso, a reavaliação da autoria do plano original de Goiânia pode inspirar futuras pesquisas que investiguem outras cidades planejadas sob a ótica da autoria coletiva.

## Referências

ACKEL, Luiz Gonzaga Montans. **Atílio Corrêa Lima: um urbanista brasileiro (1930-1943)**. São Paulo, 1996. Dissertação (Mestrado) – Universidade Mackenzie.

ALVARES, Geraldo Teixeira. **A luta na epopeia de Goiânia**. Rio de Janeiro: Of. Gráf. do Jornal do Brasil, 1942.

---

Independência (1937), o estudo para a Prefeitura de Goiânia, na Praça Cívica (1937), a nova enfermaria na Santa Casa de Misericórdia (1938), o Colégio Santo Agostinho, Rua 55 (1938), além de um estudo para o Bosque dos Buritis (1938) (ALVARES, 1942). Neddermeyer ainda projetou, em parceria com o arquiteto Jorge Félix de Souza, o Cine Teatro Goiânia (1940-1942). Além de arquiteto, Neddermeyer foi pintor, escultor e músico. Nos anos 40, foi um dos primeiros incentivadores das artes plásticas em Goiás. Fundou, em 1945, a Sociedade Pró-Arte de Goiás, que funcionou até 1948, realizando, por três anos consecutivos, a Exposição de Pintura, Escultura e Arquitetura. Também fundou, juntamente com os arquitetos Jorge Félix de Souza e José Edilberto da Veiga, uma escola de artes (MENEZES, 1998). Neddermeyer faleceu em Goiânia, em 1951, conforme noticiado pelo jornal *O Popular*, de 18 de março.

<sup>24</sup> O arquiteto Jorge Félix de Souza formou-se em 1932, pela Escola Nacional de Belas Artes, com especialização em Modelagem e Aquarela (MENEZES, 1998). Nascido na cidade de Goiás, em 1908, exerceu a profissão no Rio até 1934, quando se mudou para Juiz de Fora, onde construiu o Cineteatro da Fábrica de Cartuchos (MELLO, 1986). Pouco tempo depois, chegou a Goiânia, onde projetou alguns edifícios significativos da cidade, como, por exemplo, o Coreto da Praça Cívica, o Cineteatro Goiânia (em parceria com José Amaral Neddermeyer), além da Escola de Aprendizizes e Artífices, atual CEFET, inaugurado em 1942 para as comemorações do Batismo Cultural da cidade, juntamente com o Teatro. Projetou também a igreja Imaculado Coração de Maria, na esquina das avenidas Araguaia e Paranaíba, em “estilo dórico e bizantino”, conforme noticiou o jornal *O Popular* de 19 de março de 1944. Entre 1940 e 1942, projetou o Setor Oeste juntamente com o arquiteto José Amaral Neddermeyer (conforme cópias heliográficas do projeto, que fazem parte do *Acervo Ewald Janssen*).

**Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 135-154, dez. 2024 (edição extra). ISSN 1981 4089**  
ARAÚJO, Evillyn Biazatti. **Reconhecimento e preservação da arquitetura oficial do Estado Novo em Cuiabá.** 2023. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

ARQUIVO GERAL DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO. **Carneiro, Jorge Alberto Diniz.** In: Dicionário de verbetes. Disponível em: [expagcrj.rio.rj.gov.br/carneiro-jorge-alberto-diniz/](http://expagcrj.rio.rj.gov.br/carneiro-jorge-alberto-diniz/). Acesso em: 28 set. 2024.

BRESCIANI, Maria Stella. **Imagens de São Paulo: estética e cidadania.** In: FERREIRA, Antônio Celso; LUCA, Tânia Regina de; IOKOI, Zilda Gricoli (Org.). *Encontros com a história: percursos históricos e historiográficos de São Paulo.* São Paulo: Editora UNESP/FAPESP/ANPUH/SP, 1999.

f) BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil.** 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

CHAUL, Nasr Fayad. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade.** Goiânia: UFG/UCG, 1997.

CORDEIRO, Narcisa Abreu. **Goiânia: evoluções do plano urbanístico.** Goiânia: Composição Artes Gráficas e Editora, 1989.

CORDEIRO, Narcisa Abreu; FERREIRA, Rogério Arédio. **Alameda dos Buritis. Goiânia: Goiás – moradores pioneiros – décadas de 1940 e 1950.** Goiânia: Kelps, 2017.

CORDEIRO, Narcisa Abreu; QUEIROZ, Normalice Maria de. **Goiânia: embasamentos do plano urbanístico original.** Goiânia: Cartográfica, 1990.

DINIZ, Anamaria. **Goiânia de Attilio Corrêa Lima (1932 a 1935): ideal estético e realidade política.** Goiânia: Nega Lilu Editora, 2021.

GODOY, Armando de. Relatório sôbre a conveniência da mudança da capital. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Goiânia.** Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1942.

GONÇALVES, Alexandre Ribeiro. **Goiânia: uma modernidade possível.** Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2002.

GUIMARÃES, Leandro Davi. **Goiânia, a ‘cidade desplanejada’ do Oeste (1950/1980): reflexões sobre a capital goiana nos aportes da Coleção Ewald Janssen.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História (FH), Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Goiânia.** Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1942.

LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana.** São Paulo: Edusp, 2001.

MANSO, Celina Fernandes Almeida. **Goiânia: uma concepção urbana, moderna e contemporânea – um certo olhar.** Goiânia: Ed. da Autora, 2001.

MELLO, Márcia Metran. **Moderno e modernismo: a arquitetura dos dois primeiros fluxos desenvolvimentistas de Goiânia – 1933 a 1950 e 1950 a 1964.** São Paulo, 1996. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo.

MENEZES, Amaury. **Da caverna ao museu: dicionário das artes plásticas em Goiás.** Goiânia: Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira, 1998.

MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. **Como nasceu Goiânia.** São Paulo: Revista dos Tribunais, 1938.

MUSEU ANTROPOLÓGICO DA UFG. **Relatório do Levantamento do Estado de Conservação da Documentação Cartográfica de Goiânia.** Digitado. Goiânia, 1999.

\_\_\_\_\_. **Museu Antropológico presta homenagem a Irmhild Wüst.** Disponível em: <https://museu.ufg.br/n/112255-museu-antropologico-presta-homenagem-a-irmhild-wust>. dez. 2018. Acesso em: 24 set. 2024.

PECHMAN, Robert Moses. **O urbano fora do lugar? Transferências e traduções das ideias urbanísticas nos anos 20.** In: RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; PECHMAN, Robert (Org.). *Cidade, povo e nação.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

RIBEIRO, Maria Eliana Jubé. **Goiânia: os planos, a cidade e o sistema de áreas verdes.** São Carlos, 2000. Dissertação (Mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos-USP.

SLAEGTSBIBLIOTEK. **Aaderup, Gustav Vilhelm.** Disponível em: <https://slaegtsbibliotek.dk/927481.pdf>. Acesso em: 25 set. 2024.

TRACESOFWAR. **Janssen, Ewald.** Disponível em: <https://www.tracesofwar.com/persons/23534/Janssen-Ewald.htm>. Acesso em: 24 set. 2024.